

# ANÁLISE DE EXPRESSÕES DE ORIGEM RELIGIOSA EM COMENTÁRIOS DA *INTERNET*

*Karine da Silva Costa André* (UERJ)

[karine0127@gmail.com](mailto:karine0127@gmail.com)

*Isabel Arco Verde Santos* (UERJ)

[verdesantos@uol.com.br](mailto:verdesantos@uol.com.br)

*Karine Sant'Anna de Andrade* (UERJ)

[karinesantanna94@gmail.com](mailto:karinesantanna94@gmail.com)

*Roberta Maria Fernandes da Silva* (UERJ)

## RESUMO

O meio virtual, sobretudo as redes sociais, são ambientes propícios à criação e propagação de expressões e gírias novas, que ganham grande repercussão, como os famosos *memes*, atingindo a um público amplo de usuários. Entretanto, esses termos nem sempre são totalmente novos, mas sim expressões já existentes, que são ressignificadas conforme a necessidade comunicativa do enunciador. O presente estudo visa analisar em comentários da internet e em redes sociais, como o *Facebook*, o uso, pelos internautas, de expressões oriundas do meio religioso que assumiram outras significações no âmbito popular. Para isso, a análise tem como foco investigar as possíveis motivações por detrás dessas mudanças, tais como: os contextos de utilização das locuções; a relação com seus correspondentes originários; e os efeitos e sentidos gerados, tendo em vista o aspecto sociointeracional da língua. O trabalho vale-se da contribuição de preceitos da Linguística Textual por autores como Ingedore G. Villaça Koch e Luiz Antônio Marcuschi.

### Palavras-chave:

Memos. Ressignificações. Língua Portuguesa.

## 1. Introdução

O presente estudo visa analisar em comentários da internet e em redes sociais, como o *Facebook*, o uso, pelos internautas, da expressão *ItiMalia*, que assumiu outras significações no âmbito popular e viralizou na rede. Para isso, a análise tem como foco investigar: as possíveis motivações por detrás dessas mudanças, os contextos de utilização da locução, a relação com seu correspondente originário e os efeitos e sentidos gerados, tendo em vista o aspecto sociointeracional da língua.

O trabalho vale-se da contribuição de preceitos da Linguística Textual, no que diz respeito ao texto como um elemento formador de sentidos, por autores como Ingedore G. Villaça Koch e Luiz Antônio Marcuschi. Além da noção de gêneros textuais para abordar o comentário

de internet. Acrescenta-se também o embasamento teórico acerca da produção de sentido por via de textos no ambiente virtual.

## 2. *Uso da linguagem no meio virtual*

O meio virtual forneceu aos indivíduos uma nova modalidade de comunicação, que possibilitou a interação entre os falantes de uma mesma língua ou de línguas diferentes em qualquer ponto do globo terrestre. O ambiente digital surgiu como um fator facilitador dessa prática fundamental. Atualmente, a mídia digital está mais presente do que nunca na vida das pessoas, mostrando-se “enraizada nas práticas sociais de linguagem dos indivíduos” (ABREU; SANTOS, 2019, p. 20).

No meio virtual, sobretudo, nas redes sociais, a informação se propaga muito rápido e de forma descomunal. Para Marcuschi e Xavier, a par das diversas maneiras de expressão que a experiência hipermídia pode proporcionar, “a rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais” (2010, p. 16). A medida em que, os usuários compartilham um determinado fato, cria-se uma “onda” de pessoas, conhecidas ou não, que partilham ou não convicções e interesses. Já dizia Thomas Erickson, que a mídia digital é uma “interação altamente participativa” (*Apud* MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 16). Dessa forma, o que pertence ao âmbito individual passa, cada vez mais, a constituir o campo do coletivo.

A língua utilizada na internet sofre variações de acordo com o contexto de uso e o propósito comunicativo. Essa modalidade da linguagem escrita condiz com o contexto em que está sendo empregada, pois a imediatez em comunicar e interagir se figura por meio do uso de abreviações e demais variações a que a língua está submetida em ambiente digital. A produção escrita em gêneros digitais vai de encontro ao padrão culto da língua, com desvios linguísticos, típicos da oralidade.

Tendo isso em vista, podemos evidenciar algumas características do registo na mídia, sobretudo nos comentários de *Facebook*, tais como a linguagem informal e descontraída, temas diversos e, sobretudo, o uso do léxico, que é bastante peculiar no meio digital, que conta com abreviações, como *vc* para *você*, *fds* para *final de semana* entre outros. Alguns estudiosos do campo da Linguística da Internet consideram que esses aspectos característicos da linguagem no meio virtual constituem uma língua a qual é nomeada de “internetês”, caracterizada por ser:

[...] moldada de acordo com as necessidades e as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida constantemente pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários e marcada pela concisão e compreensão de redundâncias e de tudo o que é desnecessário do ponto de vista estritamente comunicacional. (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 45)

Essas são algumas particularidades de como a língua é usada no meio virtual, sobretudo, em gêneros mais informais como o comentário de *facebook*. Além dessas, há outras, como “os recursos não lexicalizados, suprasegmentais, paralinguísticos (na *Internet*, os paralinguísticos são os emoticons)” (ABREU; SANTOS, 2019, p. 22-23), cuja abordagem mais detalhada foge do escopo do presente trabalho. Todos esses aspectos apontados condizem com a prática interacional que se estabelece no espaço coletivo que é a *internet*.

É na internet que o usuário estará mais exposto à diversidade de informações e terá maior contato com diferentes pessoas de culturas diversas e, portanto, precisará acionar o sistema cognitivo, seus conhecimentos de mundo para interagir de forma coerente e coesa nas produções textuais. Nesse sentido, estão presentes os fatores de situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e de aceitabilidade, acompanhados dos elementos de contextualização e do conhecimento compartilhado, “elementos subjacentes à superfície textual [que] entram numa configuração veiculadora de sentidos” (KOCH, 2018b, p. 49), compondo o que chamamos de textualidade.

### **3. Gênero textual comentário de facebook**

Os gêneros textuais são ferramentas que efetivam a ação comunicativa dos falantes. Todo texto é transmitido por meio de um gênero textual. Isso porque, para interagirmos uns com os outros, em uma sociedade, faz-se necessário o uso de modelos comunicativos que já estão pré-estabelecidos e cristalizados por seus falantes. Como dizia Bronckart, “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (*Apud* MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 31). São como entidades que circulam na comunidade, e desempenham uma função social. Nesse sentido, Carolyn Miller pontua que, “os gêneros são uma ‘forma de ação social’. Eles são um ‘artefato cultural’ importante como parte integrante da estrutura comunicativa da sociedade” (*Apud* MARCUSCHI, 2008, p. 149) (grifo da autora). “O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas” (2008, p. 149). Bakhtin (1979)

aponta-os como “esquemas de compreensão e facilitação da ação comunicativa interpessoal” (*Apud* MARCUSCHI, 2008, p. 208). Logo, toda atividade exercida no âmbito social é expressa por meio de um gênero textual.

Dessa maneira, o comentário de *facebook* constitui um gênero textual na medida em que possui uma funcionalidade social e promove a interação entre sujeitos no ambiente digital. Tal como uma conversa comum do dia a dia, o comentário realizado nas redes sociais pode versar diversas finalidades: expor, argumentar, rebater, comparar, concordar, discordar entre outros posicionamentos possíveis.

O *feed* do *Facebook*, onde são feitas as publicações dos usuários na rede social, sobretudo os comentários, apresenta algumas características semelhantes de um chat em aberto, dentre os gêneros emergentes, pois as conversas são “multiparticipativas” (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 51), ou seja, contam com mais de uma participante, conhecidos e anônimos; de caráter sincrônico; função e tema livres e estilo informal.

Tendo em vista a diversidade de pessoas interagindo em um mesmo ambiente, por meio de textos, sons e outras mídias torna a análise da intertextualidade algo desafiador. Tedesco assevera que “[a]nalisar o processo de intertextualidade num ambiente interativo e hipertextual como a rede social *Facebook* não é simples, por causa da complexidade do suporte de gêneros digitais, como é o caso do gênero comentário.” (TEDESCO, 2013, p. 24).

#### **4. A intertextualidade como mecanismo de coerência**

A análise das expressões de origem religiosa em comentários da internet insere-se no movimento da Linguística Textual, sobretudo quando Beaugrande & Dressler desenvolvem sete princípios constitutivos da textualidade, que definem e criam o comportamento identificável como comunicação textual, a ver: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e, a que nos atende mais no momento, a intertextualidade. Tal princípio de textualidade configura-se como condição prévia na produção e recepção de determinados tipos de texto, posto que depende de outros textos para estabelecer sentido.

Para que o processamento cognitivo se efetive de fato, a intertextualidade também se constitui como importante fator de coerência, na medida em que se recorre ao conhecimento prévio de outras reproduções

textuais, servindo-se ao uso dos falantes em uma dada interação socio-comunicativa. Por isso é preciso que ambos, emissor e receptor, detenhams mútuos conhecimentos tanto linguísticos quanto extralinguísticos, a fim de assimilar esse entrecruzamento textual.

Em consonância com Koch e Travaglia, pode-se afirmar que há dois tipos de intertextualidade: a de conteúdo, que corresponde a uma constante em comum, podendo ser implícita ou explícita, nos textos de uma mesma época, área do conhecimento, cultura, dentre outros; e a de forma, que diz respeito a repetições de expressões, trechos ou enunciados de um texto feito por um produtor de outro texto. No que concerne aos processos comunicativos associados à expressão *ItiMalia* e similares, o que mais se enquadra é o segundo tipo.

Expressões como esta são a todo tempo reproduzidas, compartilhadas e adaptadas pelos usuários, os quais, por sua vez, condicionam essa rede sociointeracional da língua. Não há como realizar essas práticas sócio-discursivas regulares sem se atentar ao uso da intertextualidade. Em todos os contextos de uso, por mais diferentes que elas possam se configurar, é necessário, portanto, o entendimento e domínio desse principal fator de coerência, pois, de acordo com as palavras de Val, “A intertextualidade em Beaugrande & Dressler (1981) constitui um conceito importante para a compreensão do processamento dos textos pelos falantes” (2000, p.10).

## 5. *A origem da expressão ItiMalia*

Há dois motivos essenciais para as concorrências do *ItiMalia*. A primeira explicação plausível é a de que, na sociedade, assim como, no mundo e na natureza, tudo passa por contínuos processos de mudanças no decorrer do tempo. Logo, a língua, instrumento de interação do homem, também estará suscetível a alterações. Tal como o ser humano, a língua também não está estagnada no tempo, segundo Marcos Bagno, os “falantes mudam a língua o tempo todo” (2009, p. 42), apontando, justamente, para seu aspecto mutável, devido às modificações causadas por seus usuários.

A segunda explicação para tais usos vem da necessidade comunicativa dos falantes em criar novas formas expressão e ou aprimorar mais o que desejam dizer, seja por maior clareza ou expressividade. Como diz Bagno, as modificações condicionadas pelos falantes surgem para que

“novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer” (209, p. 42). Faz-se propício também as considerações de Tedesco, ao dizer que é “[...]o usuário da língua que define e escolhe como quer organizar e construir o seu querer de dizer” (2013, p. 23), utilizando os recursos linguísticos necessários para tal propósito.

Antes de discorrer acerca da origem da expressão, vale ressaltar que o uso dela não se dá exclusivamente no meio digital. Trata-se de um fenômeno linguístico oriundo de um processo evolutivo de uso da língua, que, diferentemente do “internetês”, de uso restrito no âmbito virtual, ocorre em diferentes veículos de comunicação, ou seja, independe de uma modalidade específica. O *ItiMalia* é também utilizado de forma recorrente em gêneros orais de cunho informal, conversas corriqueiras, em ambientes descontraídos, como um bate-papo no bar com os amigos.

A expressão que originou o termo é *Virgem Maria*, figura sagrada conhecida como a mãe de Jesus Cristo. Dessa forma inicial são geradas algumas variações, dentre elas o *ItiMalia*, como se vê a seguir: *Vixe Maria*, *Ixe Maria*, *ItiMalia*, *Vixe*, *Vish*, *Ixe eIsh*. Entretanto, muitas de tais expressões remetem à mesma ideia, única distinção está na forma mais reduzida como é o caso de: *Vixe>ixe* e *vish>ish*. Nesse sentido, conforme aspectos significativos, as variações podem ser condensadas em apenas duas: *Vixe Maria* e *ItiMalia* (muito usado também na oralidade como apenas *Iti*). Ambas funcionam como locuções interjetivas. Enquadram-se no grupo das sintomáticas, pois traduzem “estados emocionais como admiração, surpresa, desalento etc., sem implicar a participação do interlocutor” (AZEREDO, 2012, p. 77); para Cunha e Cintra, o “valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.” (2001, p. 591) A primeira, pode expressar emoções, como: surpresa, “*Vixe Maria!* Quase me matou do coração!”, descontentamento, “*Vixe Maria*, bagunçou tudo!”<sup>1</sup>; e contentamento, “E olha eu, e olha eu e olha eu louco de amor, *vixe Maria*”<sup>2</sup>. Enquanto a segunda, *ItiMalia*, o foco desta análise, é usada, normalmente, para designar característica de fofura a algo, serve para expressar “carinho ou admiração” (LATORRE, 2019).

---

<sup>1</sup> Fala do cantor Luan Santana em premiação do Melhores do Ano, no programa do Domingo do Faustão. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3218196/>>

<sup>2</sup> Música *Vixe Maria* dos cantores Rick e Renner. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/rick-e-renner/vixe-maria.html>>

A expressão *ItiMalia*, apesar de ser usada independente da modalidade, seja na oralidade seja na escrita, foi inventada no ambiente digital, constituindo o *meme* que ficou conhecido pela personagem da Mônica Baby diante de um computador. Apesar de ter surgido na mídia digital, seu uso ultrapassou esse limite, sendo hoje em dia utilizado na oralidade. Extrapola a relação dialógica entre escrita e imagem, facilmente proporcionada pelo ambiente semiótico da hipermídia marcado na constituição de um *meme*.

Diferente do teor humorístico presente no *meme*, o *ItiMalia* carrega um efeito de gracejo, ou seja, enquanto umgera gargalhadas, o *outro* costuma vir acompanhado de um sorriso e um olhar de amabilidade. O primeiro tem o propósito de entreter o interlocutor, e o segundo, demonstrar o carinho por parte daquele que usa a expressão com relação ao referente.

Vale considerar que, devido à ressignificação da expressão, seu uso nas redes sociais não remete ao nome da Virgem Maria. O processo lhe atribui outra camada de sentido, que a dissocia de seu correspondente no campo religioso. Nesse sentido, há um certo purismo na expressão, já que, não infringe o mandamento que diz que não se deve tomar o nome de Deus em vão. A expressão sofre alterações tanto pelo ponto de vista da forma quanto do sentido.

O *ItiMalia* imita a fala de uma criança que, quando em processo de aquisição da linguagem, troca o fone /r/ por /l/, configurando também um metaplasmo por lambdacismo, tal como o “personagem do Cebolinha, da Turma da Mônica” (LATORRE, 2019), do cartunista brasileiro Maurício de Sousa. Essa associação corrobora com significado de denotar fofura, tendo em vista que, os bebês são reconhecidos por essa característica.

## **6. Os usos das expressões no facebook**

Para Koch, “[...]os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir” (2003, p. 15). O *ItiMalia* se mostra como um registro formulado a partir dessa reprodução do social.

Em grupo específico no *Facebook*, *Grupíneo do Catiore Reflexivo*, encontra-se um comentário em forma de *post* de um integrante que ele nomeia de “Oração do ItiMalia”. O texto acompanha a foto de seu cãozinho com um pano branco na cabeça, como um véu, fazendo alusão à Nossa Senhora.

O título “Oração do ItiMalia” que é atribuído ao comentário demanda uma breve análise, pois a existência desse elemento no texto gera no leitor expectativas, que pode ser ou não confirmadas ao longo da leitura integral. Koch afirma que, ele

[...] é o primeiro desencadeador de perspectivas sobre o texto. Assim, um título bem dado prepara o leitor para o que vai encontrar no texto, ativa na sua memória para a compreensão da leitura, permite-lhe fazer previsões, levantar hipóteses, que, na leitura, vão ser testadas, confirmando-se ou não. (KOCH, 2017, p. 52)

Nessa ocorrência, o que se sobressalta é a associação ao sentido original da expressão, *Virgem Maria*, facilmente identificável na imagem por meio do apetrecho improvisado que imita um manto. A coerência é estabelecida por intertextualidade, em que “para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos.” (KOCH; TRAVAGLIA, 2018c, p. 92). Koch diz ainda que em “nossas práticas comunicativas, recorremos a textos que se cruzam e se entrecruzam em novas e variadas combinações.” (2017, p. 39).

Há, então, uma combinação de textos que se entrecruzam, de modo que, há o resgate do sagrado (a Oração da Ave Maria) em um contexto popular, para fins de entretenimento. A intertextualidade, nesse caso, ocorre em sentido restrito que é “quando em um texto está inserido outro texto (intertexto) anteriormente discursivo que faz parte da nossa memória discursiva, quer revelemos ou não sua fonte” (KOCH, 2017, p. 39).

Acrescenta-se a noção de texto segundo Affonso Romano, quando afirma que o processo de leitura dispensa palavras propriamente escritas ou faladas. Ou seja, a imagem do cão imitando a Virgem Maria é tão texto quanto à oração que o acompanha, pois se tiram dali leituras.

Além disso, o enunciador conta também com o conhecimento de mundo dos internautas para a compreensão da referência, que de tão conhecida não demonstra nenhuma dificuldade. Sobre tais questões, Koch e Travaglia salientam que:

[...] os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória sob forma de blocos – os modelos cognitivos globais, entre os quais estão as

superestruturas ou esquemas textuais, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em dada cultura. (2018c, p. 93)

Bastante emblemático foi o caso do jogador senegalês Ismaïla Sarrque durante a Copa do Mundo de 2018 teve a seu nome abreviado para *IsiMalia* e, por isso, foi apelidado de *ItiMalia*. Tal situação protagonizou alguns dos *memes* mais disseminados pela *internet*.

A locução, por outro lado, pode ser usada inclusive em tom irônico, para rechaçar a imagem à qual está sendo vinculada, por exemplo, o caso de Michel Temer. O episódio das eleições de 2018, com a saída do político e possibilidade de entrada de Jair Bolsonaro para a presidência, contou com uma série de *memes* do *ItiMalia* pelos internautas preocupados com o resultado do segundo turno. Dentre os comentários sarcásticos, estavam: “Quem é meu *ItiMalia*? Quem é o meu tirador de dinheiro favorito? É você, é você sim!”; “*Itimalia* coisa mais linda vampiluzinhos-vegoíno (*sic*) fica era brincadeira” (PADRÃO, 2018). A expressão, nesse caso, é usada com tom irônico para rechaçar a imagem à qual está sendo vinculada.

Na edição do jornal Extra de 16 de agosto de 2019, foi publicada uma matéria sobre a cantora Malíá, intitulada *Vixe, Malíá!*. O título configura um trocadilho com a locução interjetiva *Vixe Maria* e o nome artístico da jovem, *Malíá*. O texto acompanha um ensaio de moda com botas, em que a artista aparece empoderada. O aspecto de empoderamento é instaurado pelas roupas extravagantes, as posições um tanto inusitadas e pelo enquadramento da câmera de baixo para cima, enfatizando o caráter altivo de Malíá. A associação feita entre *Ave Maria* e o nome *Malíá* pode ser interpretada no sentido de elevar a figura da cantora ao patamar divino, pondo-a no pedestal. Sua trajetória de origem humilde é digna de enaltecimento. A junção dos dois nomes gera uma locução interjetiva que é a soma do sagrado, o transcendente, com o profano, a vaidade, a ambição e a luxúria.

## 7. O tabu existente acerca desses usos

Se os falantes modificam o funcionamento da língua para atender às suas próprias necessidades comunicativas, logo, não existe “erro comum”, como defende Bagno, mas sim “um *acerto* para tornar a *comunicação* mais certa” (2009, p. 44) (grifo do autor).

Mas será que o falante faz alusão ao termo de origem, *Virgem Maria*, quando tem contato com *ItiMalia*? Muitas pessoas reproduzem a expressão viral de forma inconsciente, sem sequer refletir acerca de seu significado, muito menos de sua origem. O efeito da viralização é semelhante ao de uma pessoa no mar: o corpo se sujeita aos movimentos das ondas e, por vezes, perde o autocontrole e é arrastado por ela. A recepção que o usuário terá do *ItiMalia* está relacionado aos seus conhecimentos prévios, de acordo com suas ideologias e crenças.

Pode ser que no meio religioso ou uma pessoa mais crítica com as questões acerca da linguagem, ou mesmo alguém que não compartilhe da experiência midiática resgate o sentido anterior a sua transformação, de *Virgem Maria*, e tal associação possa gerar certo desconforto, sentimento de desrespeito e até ser interpretada como blasfêmia. Muitos religiosos tratam algumas palavras de maneira bastante delicada, seja por superstição, medo, ou apenas demonstração de respeito ao divino.

Existem palavras que, quando pronunciadas, podem estar relacionadas a energias boas ou ruins, por esse mesmo motivo certas palavras, dependendo da cultura do falante, são evitadas para não causar nenhum dano a pessoa que as proferem. No caso dos nomes sagrados, a repetição em contextos populares ou a repetição sem seu contexto religioso pode sugerir até uma maldição a quem os utiliza, mesmo que de forma modificada.

Segundo Guérios, “[a]s palavras exteriorizadas podem ter forças sobrenaturais benéficas ou maléficas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas, a fim de evitar malefícios dos mesmos poderes.” (1955a, p. 7). A essa última categoria chama-se de tabu, que “pode ser traduzida por ‘sagrado-proibido’ ou ‘proibido-sagrado’” (GUÉRIOS, 1955a, p. 7) e incita a “proibição de dizer certos nomes [...] cuja infração causa infortúnio ou desgraça” (MONTEIRO, 1986, p. 14).

A transformação da palavra de *Virgem Maria* à *ItiMalia* seria uma forma também de fugir das maldições por seu uso indevido, uma forma de reagir ao Tabu linguístico. Sabota-se o uso da palavra para não sofrer as consequências de seu uso dito indevido pela religiosidade.

Bom exemplo disto encontramos na representação mágica do personagem bruxo Lord Voldemort do filme *Harry Potter*, cujo ser era tão mal e poderoso que as pessoas do mundo da magia apenas se referiam a ele como *Você sabe quem*. Isso porque se tratava daquele que não podia

ser nomeado, pois acreditava-se que apenas em pronunciar seu nome algo de ruim poderia acontecer, ou poder-se-ia invocá-lo.

Isso porque existe a crença de que “a formação do mundo é concebida como um pensamento de Deus, materializado pela força da palavra” (MONTEIRO, 1986, p. 12). Sobre esse poder acerca da força que exerce a palavra, Monteiro afirma que se trata de “uma relação quase mágica entre o nome e a coisa nomeada, pela qual o nome traz consigo, uma vez pronunciado, a presença da própria coisa” (1986, p.13). Dessa forma, a “palavra não é sinal cômodo, prático, para denotar a coisa, senão a substância, a alma da própria coisa” (GUÉRIOS, 1955a, p. 11).

O mandamento bíblico sagrado que diz: “Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus [...]” (Bíblia Sagrada NVI, Ex 20:7) repercute desse pensamento que reconhece nas palavras proferidas, de mesmo campo simbólico, força colossal. Muitos acreditam que o uso da expressão seria uma ofensa ou afronta contra Deus, devido ao mandamento em questão.

Como lei, o mandamento funciona como uma advertência, que, se não obedecida, pode ocasionar em penalizações. Assim, espera-se respeito, até daqueles que não seguem a doutrina judaico-cristã. O ato de chamar o nome do deus é tanto motivo para se temer quanto para se exaltar. Sobre isso, Guérios afirma que

Deve-se o máximo respeito e veneração ao nome de Deus; é um dos mandamentos: — “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque não ficará impune quem o tomar o seu nome por uma coisa vã” (Deuteronômio, V, 11). E, na liturgia da Igreja católica, após a bênção do SSmo. Sacramento: — “Bendito seja o seu santo Nome!” — “Bendito seja o nome de Jesus!” — “Bendito seja o nome de Maria, virgem e mãe!” (GUÉRIOS, 1955b, p. 81)

Percebe-se que o mesmo tratamento ocorrerá com o nome de *Virgem Maria*, uma vez que se encontra no mesmo pedestal da santidade. O adentramento na essência da linguagem, em seu purismo, na sua verdade, é um sentimento ilusório e inatingível. Monteiro assevera que

[...] a consciência da verdade, a penetração na essência da linguagem é um desejo vão que dificilmente se realiza. Em consequência, o homem se torna um alienado em sua própria casa, uma vez que realmente ele nada mais é que a linguagem em si mesma. E disso advém uma pluralidade de sentimentos e atitudes em relação às palavras. (MONTEIRO, 1986, p. 13)

Assim, percebe-se que o falante extrapola o limite existente entre significativo (como identificamos e descrevemos o objeto) e significado

(o próprio objeto), postulados de Saussure. As relações existentes entre as palavras e as coisas são diversas e singulares, tal qual afirma Foucault sobre o quadro de Velázquez, *Las Meninas*, ao se apropriar da obra a partir de sua intervenção sobre ela. Processo semelhante ocorre com o falante em seu papel de usuário da língua: se apropria de uma forma da linguagem verbal (a palavra) e a ressignifica conforme seus valores e crenças. A coisa a que a palavra faz alusão apenas se faz representada pela língua, ou seja, a sensação de medo, dos maus pressentimentos e de punição “não passa de uma questão de linguagem” (MONTEIRO, 1986, p. 15).

## 8. Conclusão

O uso do *ItiMalia* segue repercutindo nas redes sociais, sobretudo nos comentários de *Facebook*. O que vai orientar o usuário na apreensão de seu sentido é seu conhecimento prévio e de mundo acerca da ressignificação e aplicabilidade da expressão no contexto comunicativo. A recepção depende desses fatores, além dos de ordem ideológica, religiosa, social, histórico e cultural que os sujeitos carregam para a interação, podendo, assim, ser a expressão bem aceita ou não.

É fato que a língua funciona como um organismo que se desenvolve em caminho à mudança tal qual seus falantes; esse processo, portanto, é inevitável.

Logo, podemos concluir que não há apenas uma forma de significação de uma palavra, pois ela sofrerá mudanças de acordo com o seu uso comunicativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Teresa Tedesco V.; SANTOS, Cristina Normandia dos. As relações de intertextualidade conforme as funções discursivas anafóricas no gênero digital comentário, no *Facebook*. In: SOUSA, Vanda; CIVILIENE, Gabriele Salciute. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*. V.12, nº 1, 2019. p. 19-36

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BÍBLIA Online NVI. Mateus 1:23,25. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em 14. ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Êxodo 20:7. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em 14. ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Êxodo 3:5. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em 14. ago. 2019.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FORSTER, Renê. *Gêneros: o que são memes?*. Rio de Janeiro: UERJ, 2019.

GUÉRIOS, R. F. Mansur. A substituição em linguística. In: *Revista Letras*, v. 19, UFRP, 1971.

\_\_\_\_\_. Tabus Linguísticos'. In: *Revista Letras*: UFRP, 1955a. v. 3.

\_\_\_\_\_. Tabus Linguísticos'. In: *Revista Letras*: UFRP, 1955b. v. 4.

HARRY Potter o guia. Saiba tudo sobre Lord Voldemort. Disponível em: <http://harrypotteroguia.blogspot.com/2011/10/saiba-tudo-sobre-lord-voldemort.html>. Acesso em 14. ago. 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2018a.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018b.

\_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Coerência textual*. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2018c.

\_\_\_\_\_. *Escrever e argumentar*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LATORRE, Julia. O que significa “ItiMalia”. Um Como. 20.fev.2019. Disponível em: <<https://tecnologia.umcomo.com.br/artigo/o-que-significa-iti-malia-28807.html>> Acesso em: 05.jul.2019

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertextos e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2003.

PADRÃO, Márcio. “ItiMalia”: entenda a expressão fofo que apareceu nas redes sociais. UOL. 15.out.2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/10/15/iti-malia-michel-temer-viral-meme.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 30.jul.2019.

MEDIUM Corporation [US]. Ai meu Deus: O que realmente significa Usar o Nome de Deus em Vão. Disponível em: <https://medium.com/yesheisbrasil/ai-meu-deus-o-que-realmente-significa-usar-o-nome-de-deus-em-v%C3%A3o-9d737369f092>. Acesso em 14. ago. 2019.

MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. In: *Revista de Letras*: Fortaleza, 1986. 11(2).

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Ler o mundo*. A garganta da serpente. Artigos

envenenados – textos e artigos. Disponível em: <[http://www.gargantada-serpente.com/artigos/affonso\\_romano4.shtml](http://www.gargantada-serpente.com/artigos/affonso_romano4.shtml)> Acesso em: 11.ago.2019.

\_\_\_\_\_. *Paródias, Paráfrase e Cia*. São Paulo: 2003.

SHEPHERD, Tania G; SALIÉS, Tânia G (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo; Contexto, 2013.

STEIN, Thaís. *O que são memes?* Dicionário Popular. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme/> Acesso em: 5.jul.2019.

TECMUNDO. *Conheça 21 das maiores invenções da humanidade*, 2013. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/45705-conheca-21-das-maiores-invencoes-da-humanidade.htm>. Acesso em: 01.jul.2019.

TEDESCO, Maria Teresa. Educação a distância: o processo de interação e autoria em EAD na perspectiva da linguagem. In: SIMÕES, D. (Org.). *Semiótica, linguística e tecnologias de linguagem*. Homenagem a Umberto Eco. Dialogarts, 2013. p. 476-493.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação*: uma proposta para o ensino de Gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VAL, Maria da Graça Costa. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2000.

YAHOO. *Você sabe de onde surgiu a expressão “itimalia”?* 31.jul.2018. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/voce-sabe-de-onde-surgiu-expressao-iti-malia-174436630.html>> Acesso em: 03.jul.2019.